

190

168

2

Dia do Índio evidencia todo o abandono em que vivem pataxós

O secretário de Cultura do município de Santa Cruz Cabrália, Gilibá Faustino, explicou que a Funai, órgão do governo federal encarregado de cuidar da política indígena no Brasil, não mantém uma assistência regular na reserva. Um posto médico-odontológico foi construído, mas funciona de forma precária, inclusive sem uso de equipamentos dentários há vários meses. Também não há uma política de assistência médica preventiva, principalmente para as crianças, as maiores vítimas de infecções gastrointestinais. A educação escolar é mantida pelo município, mas a maioria dos adultos sobrevive unicamente com a comercialização de produtos artesanais feitos na própria aldeia.

Em Coroa Vermelha, as atividades dos índios são voltadas para o turismo e na área onde foi celebrada a primeira missa no Brasil, em 26 de abril de 1500, a descaracterização se dá em forma de inúmeras barracas de bebidas e produtos de artesanato. A área pertence aos índios, mas nas últimas décadas transformou-se em centro de atração turística na região.

À exceção de algumas aldeias onde o acesso de veículos e produtos trazidos pelo homem das cidades é difícil, a maioria dos índios pataxós, espalhados em 12 pequenos núcleos de reservas nas regiões sul e extremo sul do estado, convive naturalmente com a presença do chamado homem branco. O casamento entre índio e branco é hoje uma realidade e em várias aldeias, podem-se ver mulheres não-indígenas ou homens na mesma situação que constituem famílias que posteriormente são incluídas na rotina da vida dessas aldeias.

Na família de Edna, 54 anos, uma das índias mais velhas da aldeia dos Pataxós em Coroa Vermelha, convivem não só os oito filhos, índios legítimos, mas também duas noras, consideradas racialmente mescladas e que formam uma nova geração, fruto do convívio com o chamado homem branco. O ex-comerciante Eujácio Batista, do município de Poções, é um homem branco, mas que mantém as mesmas tradições dos pataxós, desde quando há 20 anos casou-se com uma índia da aldeia pataxó de Coroa Vermelha e teve com ela cinco filhos, todos vivendo dentro dos costumes da aldeia.



Foto: Wilson Bezerra

Os índios pataxós ainda conseguem manter suas tradições, a despeito do homem branco

TRADIÇÃO

Nas comemorações do Dia do Índio, ontem, os pataxós procuraram manter uma tradição secular. Apesar das bicicletas usadas pelos grupos mais jovens, o cigarro comum entre homens e mulheres e a bebida alcoólica industrializada consumida normalmente, a aldeia de Coroa Vermelha ainda guarda tradições que são lembradas anualmente no dia 19 de abril, data maior dos povos indígenas no Brasil.

A dança do Auê e a dança do Toré ainda são marcantes e puxadas pelos mais velhos e acompanhadas pelas crianças. O canto forte, o choicalhar e as batidas secas dos instrumentos no chão, acompanhadas pelo bater dos pés descalços, são rituais obrigatórios de todos na aldeia. Assim como o preparo, pelas mulheres, do almoço comemorativo, embaixo das árvores e que é servido antes das exibições ao público pelas

ruas de Coroa Vermelha. O velho cacique Boré, de 75 anos, 20 filhos, exerce alguma liderança, mas é o seu filho, Nengo, também, que comanda uma espécie de conselho que reúne todos os caciques das 12 al-

deias no extremo e sul da Bahia. A palavra de Nengo é lei e qualquer decisão maior que venha a afetar de forma significativa a vida dos pataxós tem que passar pelo seu crivo antes de ser colocada em execução.

Conscientização começa na escola

Tudo bem que os penachos tenham sido de plástico e as tintas dessas que se compram em qualquer livraria, mas valeu a intenção. Ontem, as crianças que estudam nas redes pública e particular de Salvador se enfeitaram para reverenciar o Dia do Índio, e ficaram muito felizes, como disse o menino Tiago Malvar Costa, 6 anos, que mora no Calabar e estuda na Escola Alan Kardec, na Graça. "Adoro Índio. Gosto muito". Já viu algum? "Já vi muitos, mas só no papel".

Daiane Oliveira Veras, 5 anos,

juntamente com a amiga Josiane, da mesma idade, ambas moradoras da Baixa do Bispo, se disseram alegres porque passaram o dia pintando índios e coisas da natureza, mas os alunos das séries mais desenvolvidas avançaram. Deixaram de lado o folclore e partiram para discussões densas, como a cultura, as tradições, as perseguições e a situação atual dos povos indígenas. "É muito importante. O índio é um pedaço da gente", frisou Gustavo Brito, aluno do 2º grau de um colégio particular, no Imbuí.